

EDITORIAL

Memorando: 18-05-1818

De: Movimento Autogestionário

Para: Movimento Operário

ASSUNTO: *abram os olhos e critiquem os seus dirigentes*

Considerando que:

- “O estado é um comitê para gerir os negócios comuns de toda a burguesia” (Karl Marx & Friedrich Engels).
- “A emancipação da classe operária deve ser obra da própria classe operária” (Karl Marx).
- “A revolução proletária tem que destruir um poderoso sistema desde a raiz e criar algo bem novo à mais larga escala. Para esta tarefa não são adequadas as forças dos partidos e sindicatos. Mesmo as mais fortes organizações são demasiado fracas para isso. A revolução proletária só pode ser obra da totalidade da classe proletária” (Otto Ruhle).
- “O domínio cultural da burguesia tem idêntica importância ao seu poder material, por que mantém a classe operária na submissão. A ignorância é um estorvo para a libertação da classe operária. A velhas ideias e as tradições pesam consideravelmente sobre seus espíritos, inclusive quando tocados pelas novas ideias. É nestes momentos que os objetivos são vistos sob um ângulo bem mais estreito, que os “*slogans*” pomposos são aceitos sem crítica, que se tem ilusões sobre os êxitos fáceis, que as meias medidas e as falsas promessas afastam os trabalhadores do bom caminho. Comprova-se deste modo toda a importância das forças intelectuais para os trabalhadores. O saber e a perspicácia são fatores essenciais para a ascensão do movimento revolucionário da classe operária” (Anton Pannekoek).
- “Os filósofos contentaram-se em interpretar o mundo de diferentes maneiras, mas o que importa é transformá-lo” (Karl Marx).

Dedicamos mais um número da Revista Enfrentamento, com uma perspectiva combativa ao processo de burocratização, típico de nossa sociedade, e às organizações burocráticas que, necessariamente, se desenvolvem de tais processos. O que se destaca, de modo mais evidente, nos artigos agora disponíveis ao público é a crítica à burocracia como classe social. Na verdade, tanto a burocratização do mundo, quanto a sua ampliação, com a criação de novas organizações e processos burocráticos, têm como base material de realização a classe burocrática, ou seja, o conjunto de indivíduos que materializam tais processos e organizações.

A percepção deste dado elementar, entretanto, é estranhamente desconhecido entre militantes, intelectuais e o conjunto das classes trabalhadoras – o que é algo a se pontuar em todos os artigos aqui reunidos. Esta crítica à burocracia é parte, na verdade, da militância teórica desenvolvida pelo Movimento Autogestionário há vários anos. Dentre os vários números da Revista Enfrentamento, é possível perceber textos que criticam direta ou indiretamente a burocracia como classe social. Contudo, o número 22, já publicado, e o número 23, agora disponibilizado, dão maior atenção ao fenômeno burocrático.

A classe operária e as demais classes desprivilegiadas têm, diante de si, uma imensa tarefa: destruir o modo de produção capitalista e reconstruir a sociedade sobre novas bases. Esta imensa tarefa encontra inúmeros obstáculos, como desvelar os interesses e o poder da atual classe dominante, a burguesia, e da sua classe auxiliar, a burocracia. A contrarrevolução burguesa já se demonstrou, em inúmeros momentos históricos, como um grande empecilho ao desenvolvimento da luta da classe operária. Os episódios sangrentos dos séculos XIX e XX são testemunha disto, vide, por exemplo, o massacre dos parisienses nos meses que se seguiram à Comuna de Paris, em 1871. Contudo, para além destes métodos bárbaros, os quais a burguesia não tem pudor em recorrer para assegurar os seus interesses, há outros, como: o chamado à democracia; a propagação de ideologias que sustentam o atual modo de produção; etc. Trouxemos este dado apenas para salientar o mais poderoso inimigo da classe operária: a classe capitalista e o seu estado.

O século XX, contudo, demonstrou aos revolucionários militantes, à classe operária e às demais classes desprivilegiadas em geral que, além da burguesia, outra classe social desempenha um nefasto papel no sentido de impedir o avanço do proletariado: a burocracia. A contrarrevolução burocrática, cujo exemplo clássico é a ascensão dos bolcheviques ao poder na Rússia, em outubro de 1917, é um dado que atualmente não se pode mais escusar a análise. Da mesma maneira que a burguesia, a burocracia desenvolve inúmeros instrumentos e materiais ideológicos para manter a classe operária em estado de submissão. O desenvolvimento dos partidos políticos e dos sindicatos são uma prova clara disto. Estas organizações são, hoje, um grande obstáculo à luta da classe operária. Elas são instituições a serem combatidas, e não apropriadas ou desenvolvidas. Seu maior trunfo está em seu discurso de se dizer aliada da classe operária, de se falar em seu nome, enfim, de se dizer sua representante. Eis um dos maiores problemas em se combater a classe burocrática, pois algumas de suas frações (sindical, partidária) e de seus extratos (inferiores) dizem representar e falar em nome dos trabalhadores, porquanto, não sejam trabalhadores, mas sim, burocratas.

A classe operária, a cada momento de ascensão, identifica este dado de sua luta nas últimas décadas. Contudo, cessado o ciclo de lutas, tal aprendizagem, via de regra, não se acumula, não se sedimenta. Em um novo ciclo, ela deve aprender de novo, pois surge uma nova geração de trabalhadores que aprende, novamente, por si mesma, o significado da burocracia enquanto classe. Somente quando houver a superação desta situação, de modo continuado no tempo e no espaço, é que veremos a possibilidade de uma nova sociedade se apontar no horizonte. A burguesia, quando a classe operária entra em luta, é facilmente identificável como inimiga. Essa identificação também ocorre com o estado, pois este acorre em reprimir o movimento. As burocracias inferiores, contudo, são as últimas a serem percebidas como inimigas. Quando isto acontece é porque a luta de classes já está radicalizada a níveis perigosos para a classe dominante. E esta faz tudo o que puder para evitar este degrau na luta do proletariado

Assim, a crítica geral da burocracia (como classe social, como forma organizacional e como processo social mais amplo, de burocratização da vida social

em sua totalidade) é uma necessidade premente das lutas sociais contemporâneas. Por isto, dedicamos este número exclusivamente a esta tarefa. Dada a dimensão do problema, trata-se de uma pequena contribuição que, embora pequena, é significativa, pois toca nos pontos centrais da questão.

O texto de Nildo Viana aborda o significado histórico da burocracia, demonstrando a sua origem e a sua especificidade histórica, ou seja, como um produto da sociedade burguesa. A burocracia como classe social e como organização é analisada pelo autor de tal sorte que é apresentada como um empecilho ao desenvolvimento do processo revolucionário. Trata-se de uma classe a ser abolida, juntamente com as organizações que esta cria para se autodesenvolver (estado, partidos, sindicatos, ONG's etc.). O triunfo do processo revolucionário está diretamente associado à aniquilação da burocracia enquanto classe. Eis a conclusão lógica do entendimento do significado histórico da burocracia.

Um aprofundamento deste apontamento teórico realizado por Nildo Viana é feito por Rubens Vinícius da Silva. Discutindo a noção de partido político em Karl Marx, o autor aponta os diferentes tipos de organização existentes, bem como seus objetivos; suas formas de decisão internas; e sua relação com as classes sociais em geral e com a luta de classes levada a cabo pelo proletariado. As organizações vinculadas ao proletariado surgem como organizações autárquicas e, com o desenvolvimento histórico do capitalismo, marcado por uma crescente mercantilização e burocratização, tornam-se cada vez mais burocratizadas. Este é o caso dos partidos políticos no sentido moderno do termo. Marx viveu no início deste processo de burocratização, o que o possibilitou a efetivar críticas a tais organizações (partido social-democrata alemão; partidos burgueses etc.). O que o autor demonstra é que o caráter burocrático dos partidos apenas se consolidou de fato na segunda onda de burocratização (regime de acumulação intensivo). De lá para cá, tal burocratização tornou-se um processo irreversível, e, por isso, os partidos políticos, assim como os sindicatos, são organizações a serem superadas. Para finalizar, ele traz à discussão a tese de Karl Jensen, quando este discute o desenvolvimento das lutas proletárias, que passam das lutas espontâneas para as autônomas, e tendem a se expandir para as lutas autogestionárias. As organizações autárquicas autônomas

revolucionárias, ou somente organizações revolucionárias, devem contribuir com o proletariado a fim de que este avance das lutas autônomas para as autogestionárias. Para tanto, as organizações revolucionárias devem superar tanto o vanguardismo, quanto o reboquismo. Eis o grande mérito deste texto: demonstrar, em consonância com o texto de Viana, a necessidade de superação do capital, bem como da burocracia, que esta demanda e prolifera.

As discussões sobre a burocracia são remetidas, no texto de Diego Marques, ao pensador revolucionário Jan Waclav Makhaïski, em sua discussão sobre a *intelligentsia*. Makhaïski, crítico do “socialismo de estado” e da *intelligentsia* russa (social-democrata e bolchevique), foi traduzido no Brasil, pela primeira vez, por Maurício Tragtenberg, em sua clássica coletânea “Marxismo Heterodoxo”. Há também uma edição espanhola e outra francesa de mais alguns textos de Makhaïski. Seu pensamento é, portanto, assustadoramente desconhecido entre nós. Isto se deve, aponta Marques, entre outros aspectos, à severa crítica da intelectualidade, como classe social, feita por Makhaïski. Esta é, de certa forma, uma de suas principais contribuições, ou seja, identificar o caráter de classe da intelectualidade e os interesses específicos que ela tem e defende. Embora fale em nome do “proletariado”, do “povo”, do “universal”, da “verdade” etc., o que está por trás de seus discursos, aparentemente descompromissados, é uma profunda defesa de seus interesses mesquinhos de classe. Makhaïski demonstra que os intelectuais não estão acima dos conflitos de classe. Pelo contrário, estão em seu seio e tomam partido, bem como defendem seus próprios interesses, arrastando a brasa para seu próprio peixe. Mesmo tendo esta clareza, ainda nos distantes anos iniciais do século XX, Makhaïski não esteve livre de equívocos. Marques comprova que isto ocorreu por uma deficiência do autor em compreender a totalidade e complexidade do pensamento de Marx, ao confundir, por exemplo, intelectualidade com burocracia, utilizando o termo *intelligentsia* para se referir a duas classes distintas. Em que pese os equívocos de Makhaïski, que se explicam também pelo contexto histórico no qual escreveu, trata-se de autor a ser lido pelos revolucionários de hoje. Pensando nisto, traduzimos um texto, ainda inédito em português, deste autor. *Sobre os interesses de classe da intelligentsia* é uma importante contribuição do pensador russo à

compreensão da classe intelectual. Esperamos, com esta pequena contribuição, enriquecer o cabedal dos revolucionários de hoje no conhecimento da obra deste ilustre desconhecido, Jan Waclav Makhaïski.

Por fim, a contribuição de Edmilson Marques coroa este debate sobre a burocracia, trazendo alguns apontamentos sobre a Escola Derivacionista e a interpretação que esta realizou sobre a instituição estatal. Após ressaltar as principais contribuições desta escola, como a de que o estado capitalista é serviçal do capital, pois é sua forma política necessária, apresenta os seus limites e equívocos interpretativos; tais como o economicismo, ao não perceber outras dimensões do estado, como a repressão política, política cultural do estado etc. Em que pese seja uma análise sintética, o texto de Marques marca os pontos essenciais para o entendimento que a chamada Escola Derivacionista possui de “estado”; mais um elemento para se compreender o processo de burocratização típico de nossa sociedade.

Assim, diante das questões colocadas, sem mais para o momento,

Movimento Autogestionário

Junho de 2018

“Proletários de todo mundo, uni-vos”.